

**A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DOS NIPÔNICOS
EM MATO GROSSO DO SUL:
UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Daniele Akemi Oshiro Zanoni (UEMS)

oshiroakemi@hotmail.com

Miguél Eugenio Almeida (UEMS)

mealmeida_99@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho aborda os princípios da historiografia linguística aplicada para analisar a contribuição histórico-cultural da comunidade japonesa de Campo Grande, considerando as teorias do autor Konrad Koerner (1996). A análise do material é encaminhada com os princípios da pesquisa historiográfica defendida por Koerner como: contextualização, imanência e adequação.

Palavras-chave: Historiografia linguística. Nipônico. Japonês. Mato Grosso do Sul.

1. Considerações iniciais

O presente trabalho apresenta a história da comunidade japonesa em Campo Grande, enfatizando o vocabulário da culinária nipônica e os princípios teóricos do autor Konrad Koerner (1996) na historiografia linguística. Esboçaremos teoricamente a noção da historiografia linguística, apontando os princípios metodológicos e as etapas a serem seguidas para a elaboração da narrativa historiográfica e análise das influências dos nipônicos para a cidade de Campo Grande, partindo da contextualização, da imanência e da adequação.

A seguir, comentaremos sobre o conceito da historiografia linguística e dos princípios metodológicos em Konrad Koerner.

2. Historiografia linguística

As línguas humanas não são estáticas. Pelo contrário, estão em movimento e mudam constantemente com o passar do tempo. “Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo”. (FARACO, 2005, p. 14)

A historiografia linguística é uma subárea da linguística. Conforme Batista (2013, p. 15), “Tal reflexão recebe o nome de historiografia linguística e toma como objetivo a pesquisa dos estudos sobre as línguas e a linguagem, em diferentes recortes temporais”. A disciplina entrou em cena, a partir de 1970, com publicação e divulgação de trabalhos de pesquisadores que auxiliaram, assim, a sua legitimidade com a área de pesquisa nos estudos linguísticos.

Podemos destacar os teóricos como, Konrad Koerner (*Questões que persistem em historiografia*), que apresenta os princípios da historiografia; Pierre Swiggers (*Methodologie de L'Historiographie da Linguistique* e *Qu'est ce qu'une theorie (en) Linguistique*) que apresentam questões metodológicas e teóricas que levam a historiografia linguística ao status de disciplina científica, além de questões ligadas ao método e ao estudo científico dela (ALMEIDA, 2007).

Observar o processo histórico, suas causas e consequências, não funciona apenas para retardar o esquecimento, como era no nascimento da narrativa histórica com o grego Heródoto (484 a.C.-425 a.C.). Trata-se, sim, da presença de outra necessidade: a da compreensão. Dessa forma, a historiografia (como construção discursiva analítica da história) se coloca como um discurso de observação sobre o conjunto de eventos que dão forma à corrente histórica. (BATISTA, 2013, p. 38).

2.1. Os princípios metodológicos – Konrad Koerner

A pesquisa da historiografia linguística procura definir os parâmetros de análises. São divididos em parâmetros externos, relativos ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho e internos, relativos ao conteúdo que trata de descrição e explicação de fenômenos linguísticos.

A pesquisa deve procurar, na medida do possível, correlacionar aspectos externos relacionados às obras com seus aspectos internos, com maior ênfase e um ou outro desses aspectos para a elucidação de determinado problema em destaque. (BATISTA, 2013, p. 39).

A análise do material de pesquisa deve seguir os três princípios indicados a partir das concepções desenvolvidas por Konrad Koerner.

O primeiro é a contextualização. Nesse princípio é relevante analisar o pensamento intelectual da época que influenciava o quadro linguístico naquele contexto histórico. “Reconstituição do clima de opinião

– o contexto social e histórico, a atmosfera intelectual de determinado período em que certas propostas foram trazidas à discussão” (BATISTA, 2013, p. 75).

Em seguida, o princípio da imanência, ou seja, os parâmetros internos da língua.

Esse princípio consiste na busca da língua e documentos históricos, a busca da análise da língua em si mesma. Por meio desse princípio, analisa-se o quadro linguístico da época, verificando a terminologia adotada, para assim compreender a língua e a sua estrutura. (JESUS, 2013).

E, por fim, o princípio de adequação que se trata de uma análise particular da língua, observando os dois primeiros princípios, numa tentativa de comparar os momentos históricos que evidenciam a evolução de uma determinada língua. “[...] o historiógrafo se encontra em condições de realizar análises, aproximações, avaliações críticas que iniciam a construção da narrativa historiográfica [...]” (BATISTA, 2013, p. 77).

Os princípios metodológicos apresentados são estabelecidos para sintetizar e fornecer fidelidade ao estudo, por meio dos materiais analisados, sistematizando a pesquisa do historiógrafo.

2.2. Etapas da elaboração da narrativa historiográfica

A escolha de fontes deverá seguir diretrizes que determinam, de forma mais prática, a construção de etapas metodológicas da pesquisa, como a sua ordenação (com as tentativas de periodização) e reconstrução interpretativa.

A seleção das fontes determina os objetos de análise de fato – as fontes primárias – e outras fontes podem auxiliar na reconstrução do clima de opinião, tendo em vista compreender reflexões linguísticas presentes nas obras em análise, para a relação com os outros saberes que devem ser articulados para a escrita da narrativa historiográfica, preocupada sobre tudo com a compreensão da solução de problemas ao longo da história dos estudos sobre a linguagem (BATISTA, 2013, p. 78).

A seleção de fontes deve despertar o historiógrafo para as seguintes reflexões:

- a) O papel dos materiais tradicionalmente reconhecidos por uma história oficial;
- b) O perigo da seleção de fontes que possam realçar a figura do “herói”

c) A procura por fontes consideradas marginais, em busca de uma reconstrução mais fidedigna possível dos eventos da história, lembrando-se de que o que ficou sem destaque na história reconhecida como o oficial pode ser relevante, pois o que se calou, uma não história, pode colocar-se também como ponto de observação.

Os nipônicos contribuíram tanto de forma econômica como cultural a Campo Grande, principalmente na influência culinária, predominante na cidade, como apontados a seguir.

3. *Analisando o vocabulário nipônico referente à culinária*

Mato Grosso do Sul, considerada uma das maiores colônias japonesa do Brasil, despertou-nos enorme interesse, por razão histórica e cultural, a pesquisar a trajetória dos japoneses, por meio da historiografia. A imigração japonesa iniciou-se com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, entre Brasil e Japão, no ano de 1895; porém, somente no governo do presidente Affonso Penna que se concretizou a vinda dos nipônicos para o País.

Com o início do movimento migratório japonês, após a restauração da era Meiji (1868), em que a modernização trouxe melhores condições de saúde, aumentando o crescimento populacional, que impulsionou os fluxos migratórios no país, posteriormente acarretando a altas taxas de imigração para outros países, como Havaí, Estados Unidos, Peru e, por fim, Brasil.

Os pioneiros chegaram, com o navio Kasato-Maru, em 18 de junho de 1908, ao porto de Santos, estado de São Paulo. Com a parceria estabelecida com o governo de São Paulo e as companhias de imigração japonesa, os imigrantes se dirigiram para as lavouras cafeeiras, porém com a parceria desfeita entre o governo do estado de São Paulo e as companhias de imigração, foi cancelado o acordo, e as péssimas condições de trabalhos impostos pelos fazendeiros dificultaram a fixação dos orientais nas fazendas, que se transferiam para outras áreas de trabalho.

Na tentativa pela busca de melhoria salarial, os nipônicos se dirigiram a Campo Grande, em 1909, para a construção da ferrovia Noroeste, uma vez que a remuneração era muito mais compensadora que o trabalho nas fazendas. Assim, 75 imigrantes se fixaram na Cidade Morena. Houve também a imigração dos japoneses oriundos da ilha Okinawa que inicialmente foram do Japão para o Peru. Desde 1914, com a fixação na

cidade, os japoneses começaram a criação de espaço para os encontros e confraternizações dos imigrantes.

Aliás, era natural que, como pessoas originárias da mesma terra, que realizaram a mesma viagem de navio, e passaram períodos idênticos primeiro na lavoura e depois na construção da ferrovia, pudessem conversar como iguais sobre os caminhos pelos quais vieram consolar-se e incentivar-se mutuamente. (MASAKATSU, 2008, p. 37).

4. Levantamento e a análise da língua japonesa na cultura campograndense

Com a participação da construção da ferrovia Noroeste, os japoneses fixaram-se na cidade, começando a comercialização de legumes e frutas, a qual a miscigenação cultural concretizava-se, como no campo da dança, culinária, vestuários etc. No entanto, o destaque fica para a culinária, representada pela Feira Central, popularmente conhecida como Feirona.

A Feira Central é coordenada pela comunidade de Okinawa – nipônicos oriundos da ilha do sul do Japão – onde são oferecidos o tradicional espetinho com mandioca amarela da terra e o sobá; comercializados artesanatos e produtos típicos da região. Fundada em 4 de maio de 1925, a feira era realizada na avenida Afonso Pena, aos sábados. Houve mais duas mudanças de endereço, porém, em 16 de dezembro de 2004, a Feirona foi transferida para a Esplanada Ferroviária. Com a transferência, houve muita polêmica à época. No entanto, já agradava os feirantes que desejavam um espaço amplo.

Com a fixação da feira e a adaptação dos nipônicos, a influência da língua japonesa se faz presente na cultura local, destacando-se na culinária.

Exemplos:

- a) Sobá (macarrão à base de caldo de carne)



おそば/OSOBÁ —> そば/SOBÁ (Aférese)

b) Saquê (bebida alcoólica à base de arroz)



おさけ/OSAKE → さけ/SAKE (Aférese)

c) Sushi (arroz servido com peixe)



おすし/OSUSHI → すし/SUSHI (Aférese)

d) Hashi (palito utilizado como talheres)



おはし/OHASHI → はし/HASHI (Aférese)

e) Sashimi (prato de peixe cru)



f) Wasabi (raiz forte)



g) Tarê (tempero à base de molho de soja e açúcar)



h) Temaki (sushi em formato de cone)



Com a culinária presente no cotidiano, podemos observar casos de metonímia e neologismo, com elementos da língua japonesa, em nosso idioma.

4.1. Metonímias

a) Shoyu = molho fermentado à base de soja, indicado para dar um sabor especial a carnes, saladas e refogados. Definição da marca As-teca Hinomoto.

Segundo a marca Sakura: Obtido da fermentação 100% natural da soja e do milho. Possui sabor e cor equilibrados, proporcionando um toque especial a todos os tipos de pratos do dia a dia. É indicado para temperar carnes (cozidas, assadas ou grelhadas), massas, refogados, sopas e saladas.

b) Yakult = leite fermentado criado pela marca Yakult

c) Miojo = macarrão instantâneo da marca Nissin.

d) Ajinomoto = tempero da marca Ajinomoto, seu componente químico é o glutamato monossódico.

4.2. Neologismo

Temakeria = restaurante especializado em *temaki*.

Conforme a análise acima sobre a influência da língua japonesa nos vocábulos da culinária, separou-se em: aférese, metonímia e neologismo. É notável, histórica, cultural e linguisticamente, essa contribuição japonesa para cidade de Campo Grande.

5. Considerações finais

A pesquisa sobre a contribuição histórico-cultural dos nipônicos, numa abordagem historiográfica da língua, reafirma o objetivo da historiografia linguística, que não é somente a análise interna da língua e seus fenômenos, mas se junta com o que foi produzido, levando em conta o seu contexto social e histórico. Nosso propósito de trabalho foi mostrar as influências sociais, culturais e históricas dos japoneses, na cidade de Campo Grande, sob um olhar historiográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua portuguesa: um estudo historiográfico*.

2007. Tese (de Doutorado). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp038329.pdf>>

AJINOMOTO, Disponível em: <<http://www.ajinomoto.com.br>>. Acesso em: 28-03-2015.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FEIRA Central de Campo Grande. Disponível em: <<http://www.feiracentralcg.com.br>>. Acesso em: 28-03-2015.

JESUS, Luciana Martha Carvalho de. *A colocação pronominal em textos de Almanack Corumbaense (1898): um estudo historiográfico*. 2013. Dissertação (de Mestrado). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

_____. *Linguistics and ideology in the Study of Language*. Disponível em: <<http://www.tulane.edu/~howard/LangIdeo/Koerner/Koerner.html>>.

MASAKATSU, Naruto. *Histórico de Campo Grande*. Campo Grande: Saber, 2005.

NISSIN Miojo. Disponível em: <<http://www.nissin.com.br>>. Acesso em: 28-03-2015.

SWIGGERS, Pierre. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. *Folia Lingüística Histórica*, vol. 4, p. 55-79, 1983.

_____. Qu'est ce qu'une theorie (en) linguistique). *Modèles linguistiques*, vol. 5, n. 1, p. 3-15, 1983.

YAKULT. Disponível em: <<http://www.yakult.com.br/yakult>>. Acesso em: 28-03-2015.